

Discurso sobre Teologia Natural (Parte 5)

[Texto em português](#) · [Ler no site](#)

Os argumentos de contingência

Argumentos de Contingência

Pode parecer estranho ter começado um discurso sobre teologia natural argumentando que realmente não precisamos de argumentos para a existência de Deus, a fim de acreditar racionalmente e até mesmo saber que Deus existe. Mas vimos que, de fato, argumentos para a existência de Deus não são necessários porque é possível saber que Deus existe de uma maneira adequadamente básica através do testemunho auto-autenticado do Espírito Santo.

Mas dizer que os argumentos para a existência de Deus não são necessários, a fim de saber que Deus existe ou que as grandes coisas do Evangelho são verdadeiras não quer dizer que não haja também argumentos que sejam suficientes para o conhecimento de Deus. De fato, eu concordo com Alvin Plantinga que, embora a crença em Deus e as grandes verdades do Evangelho sejam adequadamente básicas, ainda existem argumentos e evidências suficientes para garantir a crença na existência de Deus e nas grandes verdades do Evangelho.

Hoje queremos começar a examinar alguns desses argumentos para a existência de Deus. O primeiro argumento é o argumento de contingência. *[Dr. Craig entrega o esboço.]* Às vezes, isso é chamado de argumento cosmológico leibniziano. Discuto esse argumento no livro *Em Guarda* e também de maneira mais profunda no livro *Reasonable Faith*. Nesta manhã, veremos a versão, conforme apresentada em *Em Guarda*.

Sempre fiquei impressionado com o mistério da existência do universo. Lembro-me de quando ainda garoto olhar para as estrelas à noite e me perguntar de onde tudo isso veio? Pareceu-me que tinha que haver uma explicação para o porquê de tudo isso existir. Mal percebi que minha pergunta de infância e sua resposta foram refletidas pelos filósofos por séculos, e até milênios. Por exemplo, Gottfried Wilhelm Leibniz (que foi o co-descobridor do cálculo; um polímata de tremenda inteligência e um dos grandes gênios da Europa do século 18) argumentou que, em suas palavras: “A primeira pergunta que deve ser feita com razão é: ‘Por que há algo em vez de nada?’” Ou seja, por que existe alguma coisa? Leibniz acreditava que esta é a pergunta mais básica que qualquer um pode fazer. Como eu, Leibniz chegou à conclusão de que a resposta deve ser encontrada não no universo das coisas criadas, mas em uma causa transcendente do universo, em Deus. Deus, disse ele, existe necessariamente e é a explicação para o porquê de qualquer coisa existir.

Um de meus amigos me disse que é uma pena que comeci o livro *Em Guarda* com esse argumento leibniziano, porque é um argumento muito filosófico e metafísico e que para o leigo, penso eu, é muito difícil de entender. Portanto, logo no início do livro, esse obstáculo é colocado em seu caminho, enquanto talvez fosse melhor ter começado com argumentos mais fáceis de entender sobre a existência de Deus. Mas devo dizer que concordo com o que Leibniz disse - logicamente, essa é a primeira pergunta que deve ser feita. Antes de perguntarmos: “Por que o universo está ajustado para a nossa existência?” ou “Por que o

universo começou a existir?" a pergunta mais fundamental é "Por que há alguma coisa?" Este é claramente o ponto de partida.

Dois séculos depois de Leibniz, Martin Heidegger, que era um famoso metafísico alemão do século 20, escreveu o seguinte: "Por que existem seres e não nada? Essa é a questão. Claramente, não é uma pergunta comum. "Por que existem seres, por que há alguma coisa, em vez de nada?" - obviamente, essa é a primeira de todas as perguntas." É aí que começaremos nossa pesquisa de argumentos para a existência de Deus com essa questão mais fundamental de todas: por que existe alguma coisa?[1]

Podemos colocar o argumento de Leibniz na forma de uma série muito simples de premissas que está em seu esboço.

1. Cada coisa existente tem uma explicação de sua existência, seja na necessidade de sua própria natureza ou em uma causa externa.
2. Se o universo tem uma explicação de sua existência, essa explicação é Deus.
3. O universo é uma coisa existente.
4. Portanto, a explicação da existência do universo é Deus.

Este é um argumento logicamente hermético. Ou seja, se as três premissas são verdadeiras, a conclusão necessariamente também é. Não importa se você não gosta da conclusão. Não importa se você tem outras objeções à existência de Deus. Se você acha que essas premissas são verdadeiras, também precisa aceitar a verdade da conclusão. Qualquer pessoa que queira rejeitar a conclusão deve dizer que pelo menos uma dessas três premissas é falsa.

Mas qual deles ele rejeitará? Claramente, a premissa (3) é inegável para qualquer buscador sincero da verdade. Obviamente o universo existe! Portanto, o cético terá que negar a premissa (1) ou a premissa (2). Portanto, toda a questão referente a esse argumento se resume a isso: essas duas premissas são mais plausíveis de serem corretas do que de não serem? Elas são mais plausivelmente verdadeiras ou são mais plausivelmente falsas? Bem, vamos olhar para cada uma delas.

Primeiro, toda coisa existente tem uma explicação de sua existência, seja na necessidade de sua própria natureza ou em uma causa externa. Você notará que Leibniz faz uma distinção aqui entre dois tipos de seres. O primeiro tipo são as coisas que existem necessariamente - por uma necessidade de sua própria natureza (um ser necessário). Essa é a ideia de um ser que não pode deixar de existir. É algo cuja inexistência é impossível. O que seria um exemplo de um ser necessário? Muitos matemáticos pensam que as entidades matemáticas são necessárias dessa maneira - coisas como números, conjuntos, proposições, coisas desse tipo. Mesmo aqueles que são anti-realistas sobre eles - que não pensam que objetos matemáticos realmente existem - reconhecem, no entanto, que, se existem, existem necessariamente. Se o número 1 existe em qualquer mundo possível, ele realmente existe. Seria impossível para o número 1, por exemplo, existir apenas contingentemente - existir neste mundo, mas não em outro mundo possível. Mesmo aqueles que não acreditam na existência de entidades matemáticas como números, conjuntos e figuras geométricas ainda reconhecerão que pertence à natureza dessas coisas existir por necessidade. Se eles existem, eles existem necessariamente. Esses tipos de coisas não são obrigados a existir por outra coisa. Eles simplesmente existem por uma necessidade de sua própria natureza, e é impossível que eles deixem de existir.

Um outro tipo de coisa seria aquela que existe contingentemente. Ou seja, são seres contingentes. Seres contingentes são coisas que existem, mas não precisam existir. É possível que elas deixem de existir. Elas existem, mas sua existência não é necessária; elas poderiam ter deixado de existir. É o caso do mundo dos objetos à nossa volta - coisas como pessoas, cadeiras, planetas, galáxias e assim por diante. Essas coisas existem, mas não são necessárias em seu ser. Podemos imaginar um mundo possível em que uma ou todas essas coisas não existem. Esses tipos de coisas, se existirem, têm explicações fora de si do porquê delas existirem. Elas não existem por uma necessidade de sua própria natureza. Se, por exemplo, um unicórnio existe neste mundo, deve haver alguma explicação para o porquê de existir ao invés de não existir.[2] Existem muitos mundos possíveis nos quais não existem unicórnios, como o mundo real. Se um unicórnio existe, é necessário que exista algum tipo de explicação que não seja a natureza de um unicórnio que explique por que o unicórnio

realmente existe ao invés de ser uma mera possibilidade.

Então, quando Leibniz diz que tudo o que existe tem uma explicação para sua existência, essa explicação pode ser de dois tipos. A explicação poderia ser que ele existe por uma necessidade de sua própria natureza - é um ser necessário. Ou a explicação poderia ser que é um ser contingente, o qual tem uma causa fora de si que o traz à existência. Se Deus existe, Deus é um ser que existiria por uma necessidade de sua própria natureza. É impossível que Deus seja causado por qualquer outra coisa. Se Deus fosse causado por outra coisa, haveria algo maior do que Deus e, portanto, ele não seria Deus. Sendo assim, pelo próprio conceito de Deus, Deus não pode ser algo que teria sido gerado por outra coisa. Se existe um Deus, ele existiria necessariamente. O argumento de Leibniz nos leva a um conceito muito poderoso de Deus, a saber, a ideia de um ser metafisicamente necessário - um ser que existe por uma necessidade de sua própria natureza. Não é apenas um ser contingente que existe, mas um ser necessariamente existente.

COMEÇO DA DISCUSSÃO

Aluno: Um ser contingente exigiria um ser necessário?

Dr. Craig: Sim, esse será o argumento. Um ser contingente requer algum tipo de causa ou explicação fora de si. Em última análise, isso terá que ser fundamentado por um ser metafisicamente necessário. Isso está certo. Você já está vendo a implicação do argumento de Leibniz.

Aluno: Você poderia dar mais explicação sobre a filosofia do ser necessário. Obviamente, o conceito de Deus é enorme e dificilmente compreensível. O mesmo ocorre com a matemática - como números ou tempo. Você tem mais alguma coisa para relacionar com isso, de forma que torne mais compreensível?

Dr. Craig: Não tenho. A dificuldade aqui é que, pelo menos na visão cristã das coisas, tudo o que é físico - tudo que existe no universo tempo-espaço - é criado por Deus e, portanto, contingente. Sendo assim, é preciso realmente procurar exemplos não-teológicos de seres necessários. O único lugar em que você pode realmente encontrar esses objetos seria nos chamados objetos abstratos - coisas que não são concretas, feitas de matéria e energia, existentes no espaço e no tempo. Coisas como objetos matemáticos, proposições, propriedades, mundos possíveis. Estes são chamados objetos abstratos. Eu acho que o exemplo da matemática é o mais claro. Muitos de nós na aula de matemática pensamos se os números existem ou não ou se existe um círculo perfeito? Todos sabemos que não há círculo perfeito no mundo físico, então todas essas aproximações são para algum tipo de círculo perfeito abstrato? Esse tipo de coisa existe como um objeto abstrato? Se existir, existiria necessariamente. Seria impossível dizer que, por

acaso, existe um círculo perfeito neste mundo, mas não existe nesses outros mundos. Objetos matemáticos, para mim, é o exemplo mais acessível de algo que existe necessariamente, caso existam. Se você quiser alguma explicação além disso, tudo o que posso fazer é uma pergunta e tentarei responder a ela.[3]

Aluno: Durante muito tempo, lutei com esse conceito de ser necessário. Finalmente cheguei a algo que pelo menos me ajudou e que talvez ajude outras pessoas também. Há um número infinito de coisas que poderiam ter acontecido para me impedir de existir. Então, eu não sou um ser necessário. Não havia nada que pudesse ter acontecido para impedir Deus de existir. Por que é isso? Na minha cabeça (talvez seja um pouco estreito demais), eu o relaciono ao fato de que ele não tem começo. Qualquer coisa que não tenha começo é necessária, porque nada poderia ter acontecido para impedir sua existência. Só posso pensar em duas coisas que não têm começo: Deus e (não vamos falar sobre o tempo, mas) o tempo dele (acho que provavelmente são tempos diferentes). Ambas as entidades não tiveram começo. A segunda coisa sobre números abstratos e o restante - para mim, esses são conceitos, e um conceito só pode existir se houver uma inteligência. Se não há inteligência ou compreensão, não há número 7. Não há raiz quadrada disso, daquilo e daquilo outro. Mas como Deus é necessário, ele é a inteligência. Então eles também são necessários, porque ele está aqui para tê-los como conceito.

Dr. Craig: Deixe-me abordar a segunda preocupação primeiro. Você se lembra em nossa discussão dos atributos de Deus de que falamos sobre asseidade ou auto-existência divina e o desafio proposto pelo platonismo, que é a filosofia de que existem esses tipos de entidades abstratas, necessariamente existentes e não criadas, como números e conjuntos e formas geométricas e assim por diante. Uma das respostas cristãs, na verdade a principal resposta cristã, a esse desafio é exatamente o que você disse; ou seja, esses são conceitos divinos. Então eles realmente não existem independentemente de Deus. São ideias ou conceitos na mente de Deus. Eu acho que é uma perspectiva defensável. Como enfatizei ao apelar para esse exemplo, mesmo as pessoas conceitualistas reconheceriam que, se houvesse esse tipo de entidade platônica, como números e conjuntos, e assim por diante, seriam seres necessários. Seriam coisas que existem por uma necessidade de sua própria natureza. Mas ele acha que não existe esse tipo de coisa. Ele acha que esses são conceitos na mente de Deus. Eles não são realmente objetos abstratos. Embora eu costume concordar com você que essas coisas não têm nenhum tipo de existência independente de Deus, não acho que isso roube a ilustração de seu poder, porque é o melhor exemplo de um ser necessário que não é Deus, caso o Platonista esteja certo.

Gostei muito do que você disse em sua primeira pergunta dizendo que nada poderia impedir a existência de Deus, enquanto com seres contingentes eles poderiam ser impedidos de virem a existir. Existem outros mundos possíveis em que essas coisas nunca aconteceram ou nunca vieram a existir. No entanto, quero opor-me à sua explicação do porquê Deus não pode ser impedido de existir e por que outras coisas podem. Você descobriu isso no fato de um começo temporal. Eu não acho isso certo. De fato, Leibniz enfatiza que você não pode fugir do argumento dele dizendo que o universo é eterno, enquanto que, se você desse sua explicação, poderia escapar do argumento dele dessa maneira. Mas Leibniz diz que, mesmo que o universo exista desde a eternidade, ainda é possível que ele não exista. É logicamente possível que não exista um universo, ou que exista um universo com um começo em vez de um universo eterno. Mesmo dizendo que o universo é sem começo e eterno no passado isso não responde à pergunta de Leibniz: "Por que há algo em vez de nada?" Embora eu goste do que você disse sobre a necessidade de Deus de que nada pode impedir sua existência, eu não chegaria a isso pelo fato dele não ter começo, porque acho que isso é incorreto e também daria ao ateu uma forma de escapar desse argumento.

Aluno: Parece que o que estamos dizendo é que se existe um Deus, da forma como definimos Deus, e ele é um ser necessário.[4] Mas exige que digamos que nossa definição de Deus é essa e, portanto, ele seria um ser necessário. Isso não é uma prova de que Deus existe. Estou entendendo isso corretamente?

Dr. Craig: Mais ou menos isso. Espere até chegarmos à premissa (2), que diz: "Se o universo tem uma explicação, essa explicação é Deus". É aí que Deus será trazido para o argumento. Mas não na premissa (1). A premissa (1) é apenas um princípio de que as coisas que existem têm explicações do porque elas existem, e essas explicações podem estar em alguma causa externa ou que existem por uma necessidade de sua própria natureza. Na literatura filosófica, e nos próprios escritos de Leibniz, isso é chamado de princípio da razão suficiente. Leibniz declarou uma versão muito radical deste princípio. A versão que eu tenho aqui é uma versão bastante modesta do princípio que eu acho muito plausível, como vou dizer. Exige que simplesmente qualquer coisa existente tenha uma explicação do porquê dela existir ao invés de não existir. Falaremos sobre se a premissa (2) é verdadeira ou não, e estamos justificados em chamar este ser de Deus.

Aluno: Parece-me que somente Deus tem sua existência por necessidade, porque até o tempo começou a existir. Além disso, quando você pensa em números, está vendo maneiras de considerar objetos. É um conceito, mas eu não sei como você poderia ter um conceito que está separado de Deus, porque eu não consigo nem imaginar qualquer coisa que possa existir que não tenha origem em Deus.

Dr. Craig: Você quer dizer separado de Deus? Mais uma vez, quero voltar à nossa discussão sobre asseidade divina quando falamos sobre os atributos de Deus e onde argumentei precisamente esse ponto. Tudo o que existe além de Deus é contingente e dependente de Deus. Mas o que isso significa é que não sou platônico. Mas muitos matemáticos são platonistas. Eles não fundamentam esses objetos em Deus como seus conceitos. Eles acham que o número 1 e o conjunto de números naturais, o círculo perfeito e outras formas geométricas são objetos reais que realmente existem. Eles são objetos abstratos. Estou dizendo que no platonismo temos uma ilustração de um ser necessário não-teológico. Estou tentando encontrar algo aqui que ilustre para os leigos o que é um ser necessário, sem ser Deus. Esse é o melhor exemplo que eu posso apresentar. Se você é platônico você está cheio destes conceitos.

Alunos: Mesmo nesse item, sem querer abusar do ponto, você precisa ter uma mente para conceber um contingente ou uma necessidade. . . é um conceito da mente. Mas então a mente não tem uma necessidade?

Dr. Craig: Isto é interessante. Platão tinha um conceito que ele chamou de demiurgo. Isso é uma espécie de "deus" com um pequeno "d". Ele é o criador do mundo físico. O que Platão diz é que esses objetos abstratos ou formas são as coisas mais reais. Eles existem independentemente de qualquer outra coisa e "deus" olha para as formas e então ele modela o mundo físico em seu modelo. Portanto, o círculo perfeito é o modelo para essas aproximações que "deus" faz. Esses números são as entidades ideais quando "deus" faz três coisas, digamos, então há uma, duas e três no domínio das formas. Sim, o mundo concreto, na visão de Platão, é resultado da ação desse demiurgo, mas ele não é responsável por esse domínio de formas ou objetos abstratos. Eles existem independentemente dele. Como você corretamente aponta, isso é totalmente incompatível, eu acho, com o teísmo cristão ou o teísmo judaico-cristão.[5] Os pais da igreja rejeitaram o platonismo e eles tendiam a atribuir essas coisas à mente de Deus - essas são as ideias de Deus. Eles internalizaram o reino das formas de Platão na mente de Deus. Quando apelo a essa ilustração, apelo (em grande parte) a matemáticos e filósofos não-teístas que ainda endossam o platonismo. Infelizmente, a verdade é que existem muitos filósofos cristãos que também apoiam o platonismo. Estou

pensando em pessoas como Peter van Inwagen e Keith Yandell que são platonistas. Estou perplexo com isso, mas hoje existem platonistas que pensam que essas coisas são necessariamente seres existentes

Aluno: Estas coisas não seriam então apenas uma característica de Deus? Esses conceitos? Em essência, eles estão dizendo que acreditam nesse conceito, mas não estão creditando isso como parte do caráter de Deus.

Dr. Craig: Eles não pensam que são conceitos. Eles pensam que são objetos reais. Eles são tão reais quanto esta cadeira ou você. De certa forma, eles são mais reais em um sentido, pois existem necessariamente enquanto a cadeira e você são apenas contingentes.

Aluno: Você não pode objetivar essas coisas sem pensar. Você não pode ter um conceito de unidade e números em abstração, a menos que exista uma mente que pressuponha que você possa entender uma coisa dessas.

Dr. Craig: Novamente, estamos voltando à nossa discussão anterior sobre asseidade divina. Não quero repetir aqui, porque tudo o que estou tentando fazer é ilustrar a ideia para você de um ser necessário. Concordo com você que o platonismo é falso. Estamos de acordo aqui, certo? Mas entendemos a ideia de um ser que existe por uma necessidade de sua própria natureza - um ser que não pode deixar de existir? Se você tiver essa ideia, tudo bem. É tudo o que queremos estabelecer. E como isso é distinto de um ser contingente que por acaso existe, mas poderia deixar de existir se as coisas tivessem ocorrido de outra maneira e, portanto, tivesse alguma causa fora de si.

Aluno: Podemos usar uma descrição substituta para o ser necessário como um conjunto de conceitos divinos? Porque João 1: 1 diz: "No princípio era a Palavra". A Palavra é apenas conceito divino. Como temos a capacidade de pensar em conceitos, pode haver uma lei de que os conceitos podem se unir e se tornar um conjunto e a esse conjunto chamamos de Deus.

Dr. Craig: Eu irei concordar parcialmente com você sobre isso. No começo era a Palavra, ou o Logos. É assim que Jesus Cristo é descrito. Ele é o Logos encarnado. Como indiquei em resposta às perguntas anteriores, os pais da igreja localizaram esses objetos abstratos no Logos. O Logos é a mente de Deus. Essas coisas são conceitos na mente de Deus. Mas todas essas perguntas dizem respeito à lição anterior que já terminamos sobre a auto-existência ou asseidade divina. Tudo o que estamos falando aqui agora é: Seria verdade que tudo o que existe tem uma explicação para sua existência? Existem dois tipos de explicação. Eu acho que você entendeu isso. Você só quer falar sobre essa outra coisa.

Aluno: Talvez estejamos procurando mais produção literária sobre isso?

Dr. Craig: Oh, isso é fácil de fornecer.

Aluno: Eu fiz essa pergunta ao meu amigo - por que existe algo em vez de nada? - isso provavelmente foi há um mês atrás. Ele saiu e pediu para pensar sobre isso. Cerca de duas semanas atrás, perguntei novamente a ele: "Você chegou a uma conclusão?" Ele disse que não. Ele ainda está pensando. Agora vou pesquisar também, para ajudá-lo. Existem alguns artigos por aí, mas eles são muito complexos. Não sei onde mais podemos recorrer sobre essa questão em particular e a esse argumento.

Dr. Craig: Você já leu o discurso sobre esse argumento, por exemplo, em *Reasonable Faith*?[6]

Aluno: Não li.

Dr. Craig: OK, esse é um lugar para começar. Existem notas de rodapé que você pode seguir para ler mais textos sobre o argumento de Leibniz. Você pode voltar e ler o próprio Leibniz.

Aluno: Existe um capítulo em particular que eu deveria examinar

Dr. Craig: Sim, é o capítulo 3 do livro. Esse é um lugar para ler. Como eu disse, lá existem citações para mais literatura e bibliografia.

FIM DA DISCUSSÃO

Que razão pode ser oferecida para pensar que a premissa (1) é verdadeira? Por que deveríamos pensar que isso é verdade? Eu acho que quando você reflete sobre isso existe um tipo de evidência sobre a premissa. Se algo existe contingentemente - como, por exemplo, se existe um unicórnio ao invés de não existir um unicórnio - é preciso haver algum tipo de explicação para o motivo pelo qual uma dessas alternativas é atualizada e não a outra. Por que o unicórnio realmente existe ao invés de não existir quando sua inexistência era possível?

Richard Taylor, um importante filósofo americano do século 20, dá uma ilustração maravilhosa para isso. Ele diz: imagine que você está andando pela floresta e de repente você encontra uma bola translúcida no chão da floresta. Ele diz que você naturalmente se perguntaria por que ela existe. Como chegou lá? Se o seu amigo de caminhadas lhe dissesse: “Esqueça! Apenas existe inexplicavelmente! Não há explicação para sua existência.” Taylor diz que você não aceitaria isso. Você acha que esta pessoa estaria apenas brincando ou queria que você continuasse caminhando. Mas é óbvio que haveria algum tipo de explicação para o porquê dessa bola existir.

Observe que apenas aumentar o tamanho da bola, digamos, até que ela seja do tamanho de um automóvel não contribui em nada para explicar sua existência. Ou aumentá-la ainda mais do tamanho de uma casa - mesmo problema. Suponha que seja do tamanho de um planeta. Mesmo problema. Suponha que seja do tamanho de uma galáxia. Mesmo problema. Suponha que seja do tamanho de todo o universo. Mesmo problema. O simples aumento do tamanho do objeto não ajuda a explicar a existência dele.

Se você tem a sensação de que encontrar uma bola na floresta exige uma explicação para sua existência, acho que isso levará inevitavelmente a dizer que objetos cada vez maiores (até o próprio universo) terão que ter uma explicação de sua existência, porque apenas aumentar o tamanho da bola não contribui em nada para fornecer ou remover a necessidade de uma explicação de sua existência.

Com isso vamos encerrar hoje. Na próxima vez, abordarei algumas respostas ateístas da premissa (1) para tentar isentar o universo desse princípio.[7]

[1] 5:05

[2] 10:07

[3] 15:00

[4] 20:00

[5] 25:01

[6] 30:00

[7] Tempo total (Copyright © 2015 William Lane Craig)